
O Olhar caboclo de Antonio Siqueira¹

Luzo Vinicius Pedroso REIS²
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

Este trabalho apresentará parte da pesquisa desenvolvida pelo autor sobre o acervo do fotógrafo Antonio Siqueira. Antonio foi um fotógrafo autodidata que documentou as cidades, vilas e zonas rurais da baixada cuiabana (vale do rio Cuiabá), no estado de Mato Grosso, especialmente a cidade de Rosário Oeste, onde vivia, no período compreendido entre o final dos anos 1980 e 2021, ano de seu falecimento. Sua fotografia enfoca o cotidiano dessas comunidades composta por ribeirinhos, trabalhadores do campo e das pequenas cidades. Seja por conta do registro sistemático, seja pelo apuro estético de diversas de suas imagens, seu acervo constitui uma rica iconografia sobre aspectos da cultura e da vida da região conhecida como “baixada cuiabana”.

PALAVRAS-CHAVE

Acervo, memória, fotografia, Antonio Siqueira, caboclo.

Introdução

Antonio Alexandrino Siqueira (1967-2021) foi um fotógrafo natural da cidade de Cuiabá-MT que viveu praticamente toda sua vida na cidade de Rosário Oeste, situada a 100km da capital do estado de Mato Grosso. Desde os anos 1980, ele fotografou o cotidiano de Rosário Oeste e outras localidades da baixada cuiabana³, seus personagens, a exemplo dos ribeirinhos e trabalhadores rurais, as festas de santo, manifestações culturais como as rodas de cururu e siriri, bem como aspectos materiais da arquitetura e da decoração das casas populares situadas especialmente nas periferias e zonas rurais.

Este paper irá apresentar um pouco da trajetória e da obra de Antonio Siqueira e apontar alguns caminhos para a pesquisa realizada a partir de seu acervo⁴. Esta primeira

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB) e produtor cultural da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: luzoreis@gmail.com.

³ Baixada Cuiabana é o nome da região formada por municípios que integram o percurso do rio Cuiabá e seus afluentes. São 14 cidades e diversos distritos, vilas, comunidades e povoados que estão entre as mais antigas do estado de Mato Grosso.

⁴ Parte do acervo de Antonio foi confiado por sua família ao autor deste artigo em 2022, pouco tempo após seu falecimento. Antonio morreu em 12 de dezembro de 2021, vítima de um ataque cardíaco fulminante.

etapa está sendo realizada com fotografias em arquivos digitais e impressas em papel fotográfico. A maioria dessas imagens datam a partir dos anos 2000 e sobre elas o trabalho tem se desenvolvido com o levantamento por informações sobre a confecção, suporte e conteúdo das imagens, digitalização e catalogação das mesmas⁵. De modo geral, nosso objetivo nessa pesquisa é conferir reconhecimento acadêmico a obra de Antonio Siqueira, de modo a situá-la como rico material de produção da memória dos modos de ser das populações que documentou, bem como da estética de seu autor⁶. Identificamos, assim, tratar-se de um acervo importante para a iconografia mato-grossense e brasileira.

Sobre Antonio Siqueira e sua obra

Antonio começou a fotografar na década de 1980, ainda adolescente, em câmeras amadoras como a “Love”, da marca Sonora - câmera automática cuja característica principal era que finalizado sua carga de filmes, o usuário fazia seu envio para revelação e recebia posteriormente as fotos impressas. Em uma fala de Antonio registrada em vídeo⁷, o fotógrafo comenta que após esse período inicial realizou a aquisição da câmera Yashica 109, um equipamento com muito mais recursos e controles manuais que representou uma “revolução”, como afirmou, em sua fotografia. Em determinado momento, Antonio passa a fotografar com câmeras digitais, sobretudo da marca Nykon que o acompanhou até o fim da vida.

Sobre seu aprendizado, Antonio se considerava um autodidata por não ter frequentado cursos formais e aprendido a fotografar a partir de suas práticas e experiências pessoais. Apesar disso, ele sempre conviveu e trocou experiências com nomes importantes da fotografia do estado de Mato Grosso, como Mario Friedlander, José Medeiros, Mike Bueno e outros, além de ter recebido em sua cidade a renomada

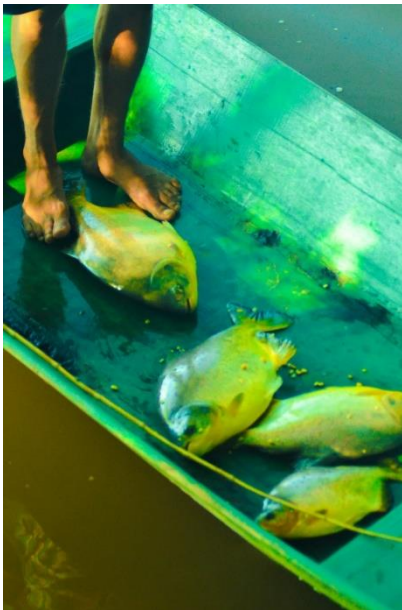
⁵ Em paralelo, estamos realizando junto a família de Antonio um levantamento de imagens mais antigas que precisam passar por uma avaliação sobre sua condição e até reveladas, no caso dos negativos.

⁶ Ao longo de sua trajetória Antonio integrou com suas imagens diversas exposições fotográficas coletivas e algumas individuais no estado de Mato Grosso, com destaque para a seleção no prêmio “XXII Salão Jovem Arte”, no ano de 2004, e a exposição “Santos da Baixada”, realizada em 2020 e disponível on-line no site <<https://luzoreis.wixsite.com/santosedabaixada>>

⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-rHlv9EN0w>>. Acessado em 12 de junho de 2024. Este vídeo foi produzido como um material complementar para a submissão de um projeto cultural no âmbito da Lei Aldir Blanc, do ano de 2020. Nele é possível conferir Antonio realizar um breve relato sobre sua trajetória, além de uma pequena curadoria de suas imagens.

documentarista paulistana Nair Benedicto entre outros nomes da fotografia contemporânea brasileira. Certamente essas experiências contribuíram para seu aprendizado e desenvolvimento de sua linguagem visual.

As imagens de Antonio cobrem um amplo espectro do modo de vida e do cotidiano da população de Rosário Oeste e das comunidades da baixada cuiabana que frequentava. Seu foco principal eram os trabalhadores rurais, pescadores, artesãos, quituteiras, além das senhoras e senhores que frequentavam seu comércio⁸ ou que encontrava em seus passeios fortuitos. Antonio tinha uma rotina tranquila, gostava de frequentar os botecos da cidade, pescar, visitar amigos que não raro se tornavam personagens de suas imagens. Era comum andar com sua máquina fotográfica a tiracolo, o que lhe permitia captar momentos espontâneos ao longo do dia. Era assim que nascia, por exemplo, as várias imagens de pescadores e da vida ribeirinha (Fotografias 01, 02), dos caboclos, suas casas e hábitos (Fotografias 03 e 04), das festas populares e da religiosidade (Fotografias 05 e 06) entre tantas outras.



Fotografia 01. *Sem título.*
Antonio Siqueira. 2014



Fotografia 02. *Sem título.*
Antonio Siqueira. 2015

⁸ Antonio possuía um pequeno comércio de roupas e tecidos próximo a praça Manoel Loureiro, no centro de Rosário Oeste.



Fotografia 03. *Sem título.* Antonio Siqueira.
2000-2002



Fotografia 04. *Senhora ralando guaraná na grossa.* Antonio Siqueira. 2015



Fotografia 05. *Sem título.* Antonio Siqueira.
2000-2002



Fotografia 06. *Da série "Santo de casa".* Antonio Siqueira. 2016

O olhar caboclo de Antonio Siqueira

Assumir o termo “caboclo” em referência a obra e a estética de Antonio Siqueira nos parece um caminho apropriado. Entre as muitas acepções do termo, uma das mais recorrentes e utilizadas, inclusive por Antonio e pelas pessoas de seu convívio, é a referência ao caipira, ao sujeito oriundo do sertão do Brasil, do interior e suas cidades pequenas onde o fluxo cidade/campo ocorre de forma muito mais fluida, como é o caso de Rosário Oeste. Acreditamos que esse sentido se conecta profundamente a obra de Antonio, especialmente se considerarmos algumas categorias conflitantes que o termo enseja, como modernidade e tradição, cidade e campo, progresso e atraso.

Em primeiro lugar, a fotografia de Antonio atribui importância, como diria Sontag (2004), aos hábitos e costumes de seus conterrâneos caboclos. Nesse sentido, sua obra pode ser lida como uma celebração desse modo de ser, estar e fazer da sua Rosário Oeste e das comunidades rurais da baixada cuiabana. Trata-se de celebrar um tempo, ou um

espaço-tempo diverso daquele vivido na cidade grande, na capital ou nos lugares que se apartaram das tradições, rituais e ritmos do sertão. Longe de qualquer exotismo, nostalgia ou colecionismo documental que em alguns momentos da fotografia representou não mais que uma atitude redentora diante daquilo que estaria prestes a ser extinto pela máquina do progresso e do imperialismo (AZOULAY, 2019), a fotografia de Antonio comemora a resiliência e a atualidade de um modo de ser que muitas vezes desaparece diante da profusão de imagens do progresso da grande fazenda de soja que passou a representar o estado de Mato Grosso e a região centro oeste do Brasil, em campanhas como “O agro é pop”.

Suas fotografias dos pescadores artesanais, dos carros de boi, das bicicletas com cestos de verduras e peixes que passam pela cidade, dos momentos descontraídos nos bares, ruas e tantas outras cenas desse cotidiano interiorano apontam um ritmo e um tempo próprio. São imagens em que a lentidão do fazer, do conversar, das jornadas a pé, de bicicleta, de canoa ou a cavalo não significam atraso, primitivismo ou indolência, mas a afirmação das virtudes de um *ethos* próprio que muitas vezes se escondem em detrimento da aceleração das máquinas, da produção, dos recordes de safra de uma cultura agrícola que se impôs à região especialmente após a marcha para o norte e centro oeste a partir da década de 1970.

Outro ponto importante se refere a sua própria poética. Como um documentarista que não observa de fora, mas que faz parte da comunidade que fotografa, seu próprio olhar é carregado das virtudes caboclas que exalta. Isso está dado, por exemplo, na paciência que ele tinha para fazer suas imagens. Voltava a seus personagens muitas vezes em uma atitude de respeito e amizade, o que lhe oportunizava captar momentos raros que só mesmo alguém daquela comunidade poderia presenciar. Assim, seu tempo de observação e produção fotográfica não era determinado por projetos, editais ou outras contingências. Sempre havia tempo para as longas conversas, causos, visitas e desvios que geravam boa parte das suas imagens. A exemplo de uma longa tradição dos chamados “retratistas” que documentavam a cidade em que viviam em paralelo a suas atividades profissionais e sociais⁹, Antonio teve como projeto permanente até o fim de sua vida a documentação de sua cidade e região.

⁹ Um registro muito bem documentado dessa tradição documental na cidade de Cuiabá está publicada no livro “Cuiabá: Imagens da cidade”, da autora Maria Auxiliadora de Freitas (2011).

Por tudo isso, acreditamos que estamos diante de um rico acervo fotográfico que contribui para compor uma iconografia mais ampla e complexa de imagens do interior do Brasil e que merece a devida pesquisa e atenção. O acervo de Antonio Siqueira apresenta uma rica abordagem visual das comunidades da baixada cuiabana realizada por um fotógrafo oriundo dessa realidade. Uma perspectiva que sob vários aspectos poderíamos considerar decolonial, uma vez que esse olhar pode revelar novos sentidos e afetos, como fica evidente, por exemplo, nas recentes pesquisas do projeto “Retratistas do Morro”. Tal pesquisa baseada nos acervos dos fotógrafos João Mendes e Afonso Pimenta sobre a população do aglomerado da serra, em Belo Horizonte, apresentam um cotidiano de pessoas felizes, alegres, dignas e orgulhosas. Algo muito diverso de certo imaginário de violência e precariedade que se criou de comunidades periféricas a partir das imagens e discursos hegemônicos.

REFERÊNCIAS

- AZOULAY, Ariella. Desaprendendo momentos decisivos. **Revista ZUM**. São Paulo, n.17, p.116-137, 2019.
- FREITAS, Maria Auxiliadora de. **Cuiabá: Imagens da Cidade**. Cuiabá: Entrelinhas, 2011.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.